

VOLUME VI

# CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

HISTÓRIAS PARA LER NA CALADA DA NOITE



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

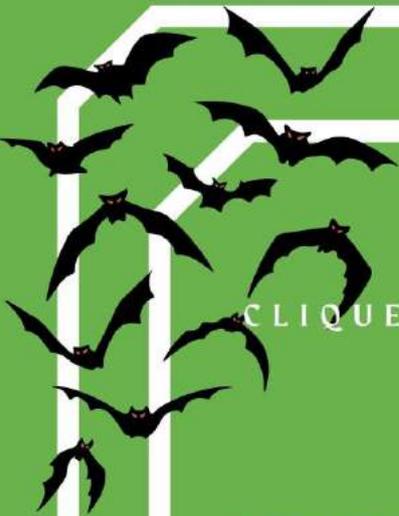
**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-47783-2**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**



# SUMÁRIO

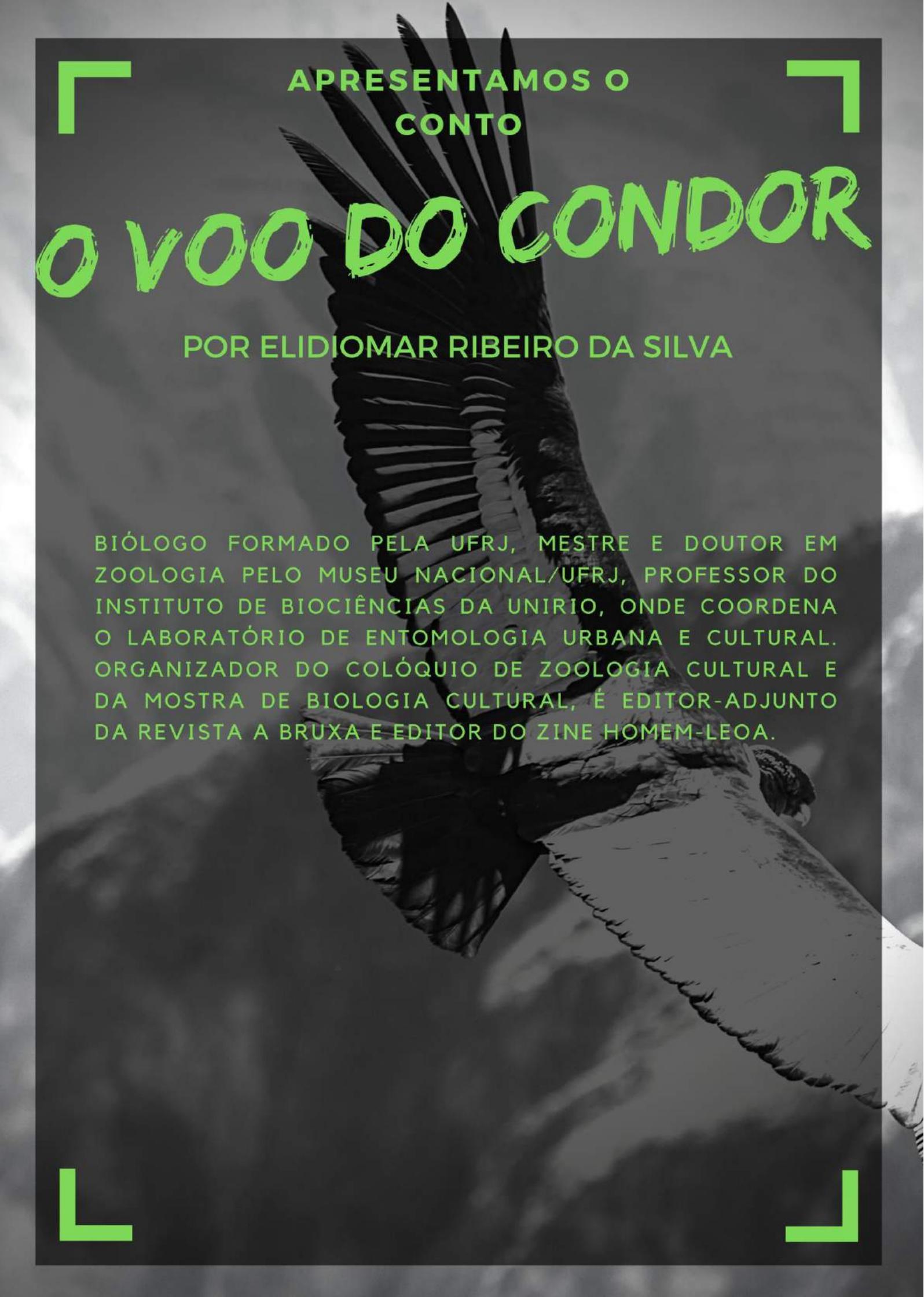
CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- O trem das onze horas, por Aline Rodrigues, pág. 05
- O voo do condor, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 09
- Poltergeist, por Fábio Almeida, pág. 14
- Morte antes da vida, por João Cleber Lima Soares, pág. 20
- Xumbreguinha, por Mauro M. Massuda, pág. 23
- Bruxa mulher, por Neuza Carvalho Melo, pág. 29
- Vampiro, mestre sugador, por Neuza Carvalho Melo, pág. 35
- Lobisomem, o homem, por Neuza Carvalho Melo, pág. 42
- Tiúátóçuntót Uma Lenda do Cerrado, por Ney Alencar, pág. 48
- Anikuge, por Ney Alencar, pág. 52
- Alma morta, por Ney Alencar, pág. 57
- Osvandir e a mulher de preto de Ouro Branco, por Osvandir, pág. 61
- Um grito no escuro, por Roberto Schima, pág. 66
- Fantasma residente, por Sellma Luanny, pág. 75
- Bruxuleante, por Sellma Luanny, pág. 77
- Não importa o que você faça ou diga ele tentará enganar você, por Sueli Kellen Fujimoto Giroto, pág. 79
- Fumaça do mal, por Tatiane de Oliveira, pág. 83
- Vida longa aos mortos!, por Uriel Volk, pág. 86
- Conjuração perversa, por Alex Vilaron, pág. 93
- Conheça outros títulos da coleção, pág. 100

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)





A black and white photograph of a condor in flight, with its wings spread wide, set against a cloudy sky. The image is framed by a dark border with four bright green L-shaped corner markers.

APRESENTAMOS O  
CONTO

# O VOO DO CONDOR

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

BIÓLOGO FORMADO PELA UFRJ, MESTRE E DOUTOR EM ZOOLOGIA PELO MUSEU NACIONAL/UFRJ, PROFESSOR DO INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DA UNIRIO, ONDE COORDENA O LABORATÓRIO DE ENTOMOLOGIA URBANA E CULTURAL. ORGANIZADOR DO COLÓQUIO DE ZOOLOGIA CULTURAL E DA MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL, É EDITOR-ADJUNTO DA REVISTA A BRUXA E EDITOR DO ZINE HOMEM-LEOA.

**N**a pequena cidade de Epitaciolândia, no estado brasileiro do Acre, o tempo costuma demorar a passar e as novidades, quando acontecem, quase sempre são vistas por todos. Era um fim de tarde no quinto domingo da Quarema e, após ter ido à missa de manhã e tentado a sorte na pescaria no Igarapé das Filipinas, José descansava a carcaça na rede pendurada na varanda de sua casa. Daqui a pouco a luz do dia acabaria, sinalizando a hora de dormir para aqueles que acordam antes do nascer do sol para mais uma jornada de trabalho. Cedinho José já teria que estar na lida do gado.

Distraído, pensando em nada, o peão teve sua atenção atraída por algo incomum. Uma grande ave preta, muito maior que os urubus tão comuns por ali, cortava o céu quase sem bater asas, voando em círculos cada vez mais baixos. José sentiu um arrepio na alma e, de um pulo, já pegou logo sua espingarda de caça e atirou contra a ave no céu. O tiro foi certo, a ave rodopiou e caiu na mata próxima, uns 100 metros dali. O que José e todos os outros que viram a cena não sabiam é que aquela ave é um condor-dos-andes, um gigante dos ares, o maior animal atual com capacidade de voo. Não é comum que tal criatura seja vista no Brasil, na verdade a área de distribuição da espécie são as terras altas do oeste da América do Sul. Porém, com asas enormes e tremenda capacidade de voo, não é de se estranhar que o gigante tenha vencido umas poucas centenas de quilômetros e sobrevoado Epitaciolândia, onde foi muito mal recebido.

Calculando onde a ave provavelmente teria caído, José se apressou em correr até lá, munido, é claro, de sua espingarda. Nenhum dos vizinhos que viram a cena quis acompanhá-lo, temendo que não fosse um bicho real, mas algo de outro mundo. Diante disso, José até chegou a hesitar um pouco, mas a curiosidade falou mais alto. E lá se foi o peão para o mato.

Durante a curta caminhada, de início em um descampado e logo depois pela mata nativa, ainda um pouco preservada, sequer passou pela cabeça de José que ele tinha cometido um crime ambiental. Afinal, a caça é proibida no Brasil, mas essa, infelizmente, é apenas uma dentre tantas leis que não chegam até Epitaciolândia — na verdade, não chegam em grande parte do território nacional. Não, de fato José nem pensou nisso. Estava pensando é no que o pessoal falaria ao vê-lo com uma ave tão grande. Que bicho seria aquele?

Rastreado pela mata, José chegou mais ou menos ao lugar aonde ele imaginou que a ave teria caído, isso bem em uma clareira. De fato, só de chegar à clareira ele pôde

ver o grande conjunto de penas pretas. Chegando mais perto, José tomou um grande susto e caiu para trás, largando a espingarda na queda: a ave, aparentemente abatida, tinha se levantado e transformado na estranha figura de uma velha vestida toda de preto. Uma bruxa! A velha, que manjava um longo cajado, era magra, alta, bastante curvada, com braços finos, mãos grandes e dedos compridos como se fossem garras. O nariz era grande e curvo, os olhos muito escuros e o queixo bastante pronunciado. A bruxa se aproximou do peão, que estava petrificado de medo, apontou-lhe o cajado e disse, com uma voz arranhada e capaz de gelar o sangue até mesmo dos mais corajosos:

— *Fumo.*

Diante do olhar de incompreensão de José, repetiu de modo ainda mais tenebroso:

— *Fuuuuumo!*

Finalmente o peão entendeu que ela queria fumo. Ele tinha um punhado no bolso, sacou e ofereceu à bruxa, que, após examinar, disse:

— *Pouco. Fumo! Fuuuuumo!*

Desesperado, José disse que não tinha mais fumo, só aquele pouquinho mesmo. Ao que a bruxa rosnou:

— *Amanhã. Aqui. Fuuuuumo!*

E, com um salto, desapareceu no céu de início de noite, deixando o peão sentado no chão. Mesmo muito abalado, José entendeu que a bruxa queria uma grande quantidade de fumo, a ser entregue amanhã ali, naquela clareira, provavelmente na mesma hora. Levantou, pegou sua espingarda e partiu de volta para casa.

Lá chegando, viu que alguns vizinhos esperavam por ele, mesmo aqueles que costumeiramente já estariam dormindo nessa hora. José contou tudo, com todos os detalhes que o nervosismo permitiu que lembrasse. Logo um dos ouvintes deu o veredicto:

— *É Matinta! Você viu a Matinta Perera, uma bruxa que vira ave. Ou uma ave que vira bruxa, sei lá. Só sei que ouvi dizer que ela percorre as cidades e, para não assombrar, exige que lhe deem fumo. Aí ela deixa todos em paz.*

Depois todos foram dormir, pois amanhã seria dia de lida.

José acordou bem cedo, como de hábito. Beijou a esposa e a filhinha, que mal tinha completado três meses de idade, e partiu para a roça. Trabalhou duro, como sempre fez, tanto no trato com os bois como no cuidado com a hortinha que mantém perto de casa. Quando percebeu, já era quase noite. Hora de voltar para o descanso no refúgio do lar. Nem por um instante passou pela cabeça de José retornar à clareira da mata levando o

fumo para entregar à bruxa. De forma alguma ele arriscaria encontrar novamente a Matinta. Quando a bruxa percebesse que ele não foi ao encontro, certamente bateria asas e voltaria ao inferno de onde veio, pensou.

Já em casa, sentado à mesa do jantar, José calhou de olhar para a janela. E uma visão fez com que se arrepiasse até a raiz dos cabelos: era a Matinta, ali fora, olhando para ele pela janela. Após um breve instante de olhares cruzados, seguiram-se uma explosão de luz e um barulho muito alto, tipo um “*íéééééé...*”, e Matinta não estava mais ali. José e sua esposa tiveram a mesma ideia e correram, ambos, para o quarto da filha. Ao chegarem, se depararam com o berço vazio e a janela aberta, por onde viram o vulto de uma ave gigantesca voando na direção da lua cheia.

Desesperado, chorando sem parar, José reuniu todo o fumo que tinha em casa, juntou tudo em uma bolsa e correu para a floresta. Em meio à escuridão, tropeçando no emaranhado de raízes e caindo muitas vezes, José conseguiu chegar, esbaforido, à clareira. Onde identificou o vulto da Matinta. Com o corpo inteiro tremendo, José caiu de joelhos e implorou à bruxa:

— *Por favor, devolva minha filha.*

Mesmo no breu da noite, o peão conseguiu ver o brilho vermelho nos olhos da Matinta, que falou:

— *Fumo.*

— *Sim, sim, eu trouxe o seu fumo, está aqui. Por favor, pegue, pode ficar com tudo. Mas, por tudo que é mais sagrado, devolva minha filhinha.* José suplicou com todas as suas forças, lançando a bolsa cheia de fumo para perto da bruxa.

— *Pouco. Amanhã. Mais fumo.* Após falar isso, Matinta pegou a bolsa, se transformou em condor e desapareceu no céu da noite.

— *Nãããããã!!!* Ainda de joelhos, José gritou. Porém, um barulho na mata chamou sua atenção e, aliviado, o peão percebeu que a filha estava lá. Sã e salva, dormindo como um anjinho. Com os olhos encharcados, José carregou seu bebê de volta à segurança do lar.

Na manhã seguinte, José não foi trabalhar. Gastou todo o seu dinheiro comprando fumo. Não satisfeito, vendeu tudo de algum valor que possuía em casa e, com o dinheiro arrecadado, comprou mais fumo. Ao final da tarde, tinha quatro bolsas cheias de fumo. Arrastou as bolsas até a clareira e ficou esperando. Caiu a noite e ele continuou esperando. Até que, exausto, José não resistiu ao sono, dormindo profundamente, só

acordando aos primeiros raios do sol. Para finalmente perceber que, na verdade, Matinta Perera não queria mais fumo. Queria, isso sim, ensinar-lhe uma lição.

